

PREVENÇÃO DA VIOLÊNCIA CONTRA MULHERES DIANTE DA COVID-19 NA AMÉRICA LATINA E NO CARIBE

Introdução

Enquanto enfrentamos os impactos devastadores da pandemia da COVID-19 na América Latina e no Caribe, assim como em todas as regiões do mundo, é preciso enfrentar outra pandemia que não pode ficar oculta: a violência contra mulheres e meninas.

Essa violação de direitos humanos afeta, em média, uma em cada três mulheres ao longo da vida¹ e, apenas em 2019, resultou em ao menos 3.800 vítimas de feminicídio². Embora esses números pareçam muito altos, estima-se

que a magnitude real do fenômeno esteja subestimada e que a emergência sanitária atual o agrava ainda mais.

Com o intuito de orientar os agentes públicos e privados, da sociedade civil e da comunidade internacional, este documento reúne alguns dados preliminares sobre o impacto da pandemia na violência contra mulheres e meninas e apresenta estratégias, recomendações e algumas práticas promissoras para prevenir e responder à violência contra mulheres e meninas diante da COVID-19.



O que sabemos sobre o impacto da COVID-19 na violência contra mulheres e meninas?

- **As medidas de prevenção e mitigação da propagação da COVID-19, tais como quarentena, isolamento ou distanciamento social, bem como restrições de mobilidade, agravam a violência contra mulheres e meninas que ocorre dentro de casa** porque as mulheres em situação de violência encontram-se fechadas junto com seus agressores, com oportunidades muito limitadas de sair de suas casas ou de buscar ajuda. **As medidas preventivas de isolamento ou confinamento poderiam fazer com que os agressores aumentem o isolamento das mulheres em situação de violência dentro de casa.**
- **Nas casas em que há meninas, meninos e adolescentes, o aumento da violência contra mulheres terá impactos negativos também nelas e neles** em termos de violência, estresse pós-traumático, depressão, ansiedade e impactos de longo prazo em seus desenvolvimentos.
- **Para os agressores, perder o trabalho, a instabilidade econômica e o estresse são fatos que podem gerar uma sensação de perda de poder. Isso pode elevar a frequência e a gravidade da violência doméstica, além de comportamentos nocivos e abusivos que**

1 PAHO (2019) Intimate partner violence in the Americas: a systematic review and reanalysis of national prevalence estimates.

2 A informação mais recente de 33 países da região é de que o número de mulheres assassinadas apenas pelo fato de serem mulheres superava 3.800. La medición del feminicidio o femicidio: desafíos y ruta de fortalecimiento en América Latina y el Caribe. Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe, CEPAL <https://oig.cepal.org/es/indicadores/feminicidio>

resultam em um possível **aumento de abuso sexual on-line ou nas ruas** quando saem de casa.

- **A crise está gerando barreiras adicionais para que as mulheres em situação de violência acessem serviços essenciais que podem salvar vidas.** Essas barreiras estão relacionadas com a restrição de mobilidade e com o isolamento social, ou com o fato de que as instituições de saúde, polícia e justiça estão sobrecarregadas e focando suas operações no combate à COVID-19. **Os serviços prestados pelas organizações da sociedade civil também enfrentam dificuldades para prestar serviços devido às mesmas restrições.**
- **Em alguns países, as denúncias de violência contra mulheres diminuíram. Isso não significa que a violência tenha diminuído**³. Isso é uma consequência do fato de que as mulheres não podem sair de suas casas ou fazer ligações telefônicas porque estão em contato constante com o agressor, e suas redes de apoio são mais limitadas pelas medidas da quarentena. Soma-se ao isolamento o medo de contágio pela COVID-19 ao sair para buscar ajuda fora do entorno familiar, que seria, neste contexto, um obstáculo para pedir ajuda.
- **O impacto econômico da pandemia, a perda de meios de subsistência, de rendimentos ou de trabalho afeta de maneira desproporcional as mulheres no setor informal, e pode gerar barreiras adicionais para afastar-se do agressor e denunciá-lo devido à dependência e/ou extorsão econômica.** A evidência sugere que a perda de autonomia econômica tende a comprometer as estratégias de saída das situações de violência de gênero. A incerteza sobre a economia em médio e longo prazo estaria, de forma indireta, aumentando o poder de opressão dos agressores.
- **Em tempos de crise, a exploração sexual e os casamentos forçados costumam aumentar** devido à falta de recursos para cobrir as necessidades básicas das famílias.⁴
- **As medidas de confinamento e a interrupção de alguns serviços essenciais podem trazer uma percepção de impunidade para os agressores** já que alguns serviços não estão habilitados: o foco das autoridades está no combate à crise e as redes de apoio têm que isolar-se também. Isso pode gerar nos agressores uma sensação de maior segurança para agir sem limites.
- Os maiores riscos de violência e as restrições da mobilidade afetam a segurança **das lideranças e das defensoras de direitos humanos, que costumam sofrer mais ameaças, maior criminalização e maior risco de feminicídio**⁵.
- **As trabalhadoras da saúde estão expostas a múltiplas formas de violência** nos locais de trabalho, nas vias públicas e até em suas casas por causa do estigma e por reações pouco solidárias baseadas no medo e na violência crescente de cidadãos ou nos bairros (rechaços e agressões em edifícios, em meios de transporte coletivo, etc.).
- **As mulheres em situações de maior vulnerabilidade a várias formas de discriminação podem enfrentar riscos ainda mais elevados e obstáculos adicionais para acessar serviços essenciais ou para fugir de situações de violência**, como, por exemplo, mulheres mais velhas, com deficiência, com orientação sexual diversa, trans, que vivem com HIV, migrantes, deslocadas e refugiadas, vítimas de conflito armado, indígenas, afrodescendentes e rurais ou que vivem em assentamentos informais.
- **As mulheres migrantes, refugiadas, asiladas e repatriadas poderiam enfrentar maiores riscos de serem agredidas física, psicológica e sexualmente** devido a uma exacerbação dos riscos de proteção, ao aumento da xenofobia, do estigma e da discriminação, às dificuldades de acesso a serviços, à falta de documentação e ao uso de caminhos irregulares para migrar. Nessas situações, pode-se intensificar a gravidade da violência e aumentar a exposição ao tráfico de pessoas e ao tráfico ilegal de migrantes com métodos de opressão e exploração endurecidos em um contexto de fechamento de fronteiras e de baixa atividade econômica.
- **À medida em que o tempo on-line e a exposição virtual das mulheres, meninas e adolescentes em**

3 <http://concritorio.gt/cuarentena-aunque-la-padezcan-menos-mujeres-denuncian-violencia/>

4 UK Aid, Dr Erika Fraser (16 March 2020) Impact of COVID-19 Pandemic on Violence against Women and Girls

5 IM Defensoras. Pronunciamento: COVID-19: Ante la crisis, urge frenar el autoritarismo y defender la vida, el cuidado, los derechos y la dignidad humana. Disponível em: <https://im-defensoras.org/2020/03/pronunciamento-covid-19-ante-la-crisis-urge-frenar-el-autoritarismo-y-defender-la-vida-el-cuidado-los-derechos-y-la-dignidad-humana/>

geral aumenta (quando se tem acesso à internet) por causa do home office, da educação a distância ou do ativismo virtual (além dos espaços de ócio on-line), **existem indícios de que está aumentando a violência e o assédio virtuais** em espaços como as redes sociais, salas de bate-papo, serviços de teleconferências e jogos on-line.

- **A comunidade LGBTQI registra um aumento das tensões nas casas em que suas identidades de gênero não são respeitadas nem reconhecidas, além de uma maior exposição à violência de gênero e aos maus tratos dentro de casa.** Além disso, nos contextos em que se delimitou a mobilidade sob estado de emergência com base no sexo biológico, aumenta-se o risco de exposição à violência e discriminação nas vias públicas de pessoas trans e da comunidade LGBTQI.
- **As mulheres e meninas com deficiências enfrentam maiores riscos de serem vítimas de violência de gênero e múltiplas formas interseccionais de discriminação, incluindo isolamento social e pobreza crônica.** Diante da COVID-19, encontram-se em situações de vulnerabilidade devido às medidas de quarentena e confinamento social e ao aumento da tensão dentro de casa. Além disso, as pessoas

que cuidam de mulheres com deficiências, que em sua maioria são mulheres, estão sob uma pressão ainda maior e sobrecarregadas de responsabilidades devido aos cancelamentos ou às limitações dos serviços sociais durante a pandemia⁶.

Diante desses riscos, a ONU Mulheres faz um chamado aos governos da região, à cooperação internacional, ao setor humanitário, ao setor privado e à sociedade como um todo para **priorizar as medidas de prevenção e atendimento a mulheres, meninas e meninos que sofrem violência como parte central das ações para fazer frente à emergência atual devido à propagação da COVID-19.**

A ONU Mulheres convoca todos os agentes a **trabalharem de maneira muito estreita com as organizações de mulheres, feministas e da sociedade civil especializada, bem como defensoras de direitos humanos** para prevenir a violência contra mulheres e meninas no combate à COVID-19 e na recuperação. É muito importante ter um enfoque de intersetorialidade no planejamento do combate, e para isso é indispensável incluir várias organizações que representam grupos distintos de mulheres, incluindo mulheres indígenas, rurais, migrantes, desabrigadas ou refugiadas, com deficiências, LGBTQI, entre outras.



Foto: ONU Mujeres/Dzilam Méndez

Impacto da COVID-19 na violência contra mulheres na América Latina e no Caribe



A **violência** contra mulheres e **meninas** afeta em média

1 em cada 3

ao longo da vida^I

e segundo alguns dados recentes disponíveis, na América Latina e no Caribe

12% (aproximadamente **19,2 milhões**)

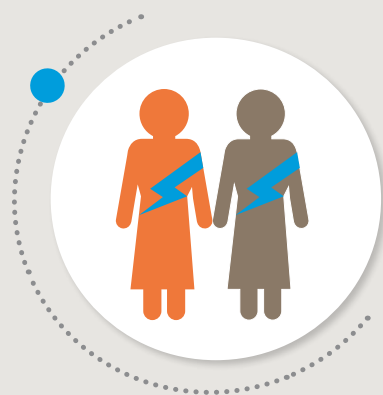
das **mulheres** e **crianças** entre **15 e 49** anos foi vítima de **violência física** ou **sexual** por parte de seu **companheiro íntimo**, atual ou anterior, nos 12 meses anteriores à pesquisa^{II}.

A informação mais recente de

33 países

da região é de que o número de **mulheres assassinadas**^{III} apenas pelo fato de serem mulheres superava

3.800



É provável que estes números aumentem durante a crise e após a pandemia - produto do impacto econômico, da escassez de recursos, de maiores tensões nos lares, das medidas de quarentena que intensificam o isolamento das mulheres de suas redes de apoio e que estão gerando barreiras adicionais ao acesso a serviços essenciais.

Os dados emergentes indicam que a violência contra mulheres, sobretudo a violência doméstica, está se intensificando durante a pandemia.

México
No estado de Nuevo León, segundo a Fiscalização Especializada em Femicídios e Delito contra Mulheres, registrou-se um **aumento de mais de**

30% de denúncias de casos de violência familiar

e um aumento de denúncias de abusos - de duas ou três por dia para **5 por dia** nas últimas semanas^{IV}.

Bolívia
Durante o período da quarentena, até 15 de abril de 2020 foram registrados:

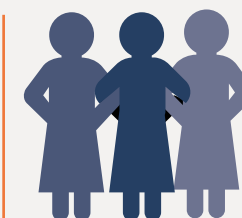
4 feminicídios,
1.200 casos de violência contra mulheres e
33 casos de violação de menores de idade^{VII}.

Diante da pandemia, muitos serviços de atendimento estão sob pressão para responder ao aumento na demanda:



- Em **Honduras**, muitas das **casas abrigos** estão sob pressão para poder responder à **demandas crescente** e contar com **recursos de biosegurança**^{XI}.
- Em **Cuenca**, no Equador, a **casa de acolhida** para **mulheres** em situação de **violência** de gênero atingiu sua capacidade e não tem **insumos suficientes** para responder à crise.
- No **Uruguai**, o Instituto Nacional das Mulheres realizou esforços para uma **maior divulgação** da linha telefônica 08004141, e reconheceu que desde que foi decretada a **emergência sanitária** no país constatou-se um **aumento significativo de ligações**^{XII}.

Como parte das decisões de gestão da crise sanitária e econômica, e da criação de incentivos para a futura reativação após a COVID19, será importante garantir que haja investimentos adequados na prevenção e no atendimento a mulheres em situação de violência, nos serviços essenciais, nos serviços de apoio prestados pela sociedade civil e nas iniciativas de prevenção durante a pandemia e na fase de recuperação.



Colômbia
12 mulheres foram assassinadas^V

Entre 20 de março e 4 de abril de 2020, de acordo com a Conselheira Presidencial para a Equidade da Mulher, **durante os primeiros dias da quarentena nacional registrou-se um aumento de**

51% nos casos de violência intrafamiliar contra mulheres^{VI}.

Brasil
O Rio de Janeiro registrou um **aumento de** nas denúncias por violência de gênero durante a quarentena.

50% segundo a juíza do juizado de Violência Doméstica do Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro^{VIII}.

Argentina
A média diária de ligações ao telefone 144 por violência de gênero no mês de **março (20-31)**^{IX} **aumentou em 39%** comparado aos dias anteriores **de 1-19 de março**.

4 MENSAGENS CHAVE



1

Garantir que os serviços de atendimento e combate à violência contra mulheres sejam considerados serviços essenciais durante a pandemia (serviços de saúde, centros de justiça, abrigos/albergues, serviços de assessoria jurídica, serviços de saúde sexual, serviços psicossociais e outros serviços sociais) e facilitar o acesso através de mecanismos alternativos que atendam às necessidades das mulheres em sua diversidade, incluindo redes de alerta solidário em nível territorial e comunitário.

2

Trabalhar de maneira conjunta com as organizações comunitárias de mulheres e da sociedade civil, redes de mulheres feministas e defensoras de direitos humanos na prevenção da violência contra mulheres diante da pandemia de COVID-19 e na fase de recuperação, incorporando um enfoque interseccional incluindo organizações que representem grupos distintos de mulheres.

3

Aumentar os investimentos na prevenção da violência contra mulheres e meninas durante a crise e na fase de recuperação para evitar impactos devastadores em mulheres, meninas e meninos, e na sociedade como um todo. Se não forem feitos investimentos na prevenção primária e no atendimento às mulheres que sofrem violência no confinamento ou na chamada "nova normalidade" (quando começarmos a recuperar a mobilidade e aplicarmos as diferentes estratégias de saídas do confinamento, graduais ou não) o impacto na vida de mulheres, meninas e meninos e os custos aumentarão.

4

Campanhas públicas e medidas eficazes de tolerância zero para com os agressores, garantir que os serviços policiais e jurídicos priorizem o atendimento e a punição da violência e envolver a comunidade como um todo para unirem-se contra a violência de gênero.

I PAHO (2019) Intimate partner violence in the Americas: a systematic review and reanalysis of national prevalence estimates.

II ONU (2019). Informe de los Objetivos de Desarrollo Sostenible

III A informação mais recente de 33 países da região é de que o número de mulheres assassinadas apenas pelo fato de serem mulheres superava 3.800. La medición del femicidio o femicidio: desafíos y ruta de fortalecimiento en América Latina y el Caribe. Observatorio de Igualdad de Género de América Latina y el Caribe. CEPAL. <https://oig.cepal.org/es/indicadores/femicidio>

IV Ministério de Mulheres, Gêneros e Diversidade da Nação

V <https://elpais.com/sociedad/2020-04-07/la-violencia-de-genero-es-una-pandemia-silenciosa.html>

VI <https://www.rcnradio.com/colombia/durante-la-cuarentena-aumentaron-las-denuncias-de-violencia-contra-la-mujer-en-un-51>

VII <https://www.atb.com.bo/seguridad/cuarentena-33-menores-fueron-violadas-y-m%C3%AAs-de-1200-mujeres-fueron-v%C3%ADctimas-de-violencia?fbclid=IwAR24Bf3XdF-6ZQ6C6J897Vj099uB84RPA6fF7E2AFClYlTomqdR0vqMOS8>

VIII https://www.clarin.com/internacional/coronavirus-brasil-aumentan-denuncias-violencia-genero-cuarentena-rio-janeiro_0_Bur_LTpKm.html

IX https://www.elnorte.com/aplicacioneslibre/preacceso/articulo/default.aspx?urlredirect=https://www.elnorte.com/crece-violencia-familiar-ante-covid-19/ar19029357__rval=1

X http://www.americalatinagenera.org/es/index.php?option=com_content&view=article&id=2219:la-violencia-contra-la-mujer-en-america-latina-y-el-caribe-en-cifras-%20%20&catid=764:destacamos

XI Gobierno de la República de Honduras (3 de abril 2020). Situación de las casas refugio al día viernes 3 de abril de 2020 Instituto Nacional de la Mujer

XII <http://presidencia.gub.uy/comunicacion/comunicacionnoticias/coronavirusmedidas-violencia-genero>



Estratégias e recomendações para prevenir e combater a violência contra mulheres e meninas diante da COVID-19



Foto: ONU Mujeres/Dzilam Méndez

1. Garantir que as regulamentações de quarentena ou de restrições de mobilidade tenham exceções para mulheres que sofrem violência e suas filhas/filhos.
2. Garantir que os serviços de atendimento e combate à violência contra mulheres sejam considerados serviços essenciais durante a pandemia.
3. Fortalecer os mecanismos de alerta de emergência para facilitar as denúncias em casos de urgência.
4. Fortalecer a identificação e o atendimento de casos de violência de gênero por parte do setor de saúde.
5. Garantir que os serviços policiais e jurídicos priorizem a resposta à violência contra mulheres e meninas durante e depois da crise da COVID-19 e que continuem investigando, processando e punindo os agressores e facilitem o acesso à justiça por meio de mecanismos virtuais e alternativos.
6. Priorizar e reforçar o financiamento de abrigos/albergues/casas de acolhimento para mulheres que enfrentam alto risco de violência.
7. Garantir acesso aos serviços sociais, terapia, serviços psicossociais e assessoria jurídica gratuita por meio de linhas telefônicas e canais virtuais gratuitos.
8. Aumentar os investimentos nas organizações comunitárias de mulheres e da sociedade civil, bem como nas defensoras de direitos humanos para que possam desenvolver redes de apoio locais, comunitárias e territoriais.
9. Implementar campanhas de comunicação e de difusão ampla para mulheres e meninas em situação de violência.
10. Elaborar campanhas, guias e recursos para familiares, amigas/amigos, vizinhos/vizinhas de mulheres em situação de violência e outras testemunhas para gerar uma cultura de tolerância zero.
11. Elaborar campanhas, mensagens de comunicação e intervenções dirigidas aos homens.
12. Integrar a prevenção da violência contra mulheres nos lugares de trabalho e na educação virtual.
13. Elaborar estratégias de prevenção e combate à violência e ao assédio virtuais.
14. Coletar dados quantitativos e qualitativos sobre a violência contra mulheres e meninas durante a crise para orientar soluções, políticas, medidas de prevenção e atendimento durante e depois da crise.
15. Implementar medidas especiais que considerem as diferentes necessidades das mulheres em fase de recuperação.

Estratégias	Recomendações	Exemplos de práticas promissoras
<p>1. Garantir que as regulamentações de quarentena ou de restrições de mobilidade tenham exceções para mulheres que sofrem violência e suas filhas/filhos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Garantir que as mulheres em situação de violência possam sair para buscar apoio, reportar ou denunciar sem correr risco de serem presas por não cumprir com os horários estabelecidos na quarentena. 	<p>A Argentina decretou a exceção da quarentena obrigatória para mulheres e pessoas LGBTI em situação de violência.</p>
<p>2. Garantir que os serviços de atendimento e combate à violência contra mulheres sejam considerados serviços essenciais durante a pandemia (serviços de saúde, centros de justiça, abrigos/albergues, serviços de assessoria jurídica, serviços de saúde sexual, serviços psicossociais e outros serviços sociais).</p>	<ul style="list-style-type: none"> Permitir que a equipe de serviços essenciais para mulheres em situação de violência possam circular livremente. Facilitar o acesso a serviços essenciais durante a crise e facilitar o acesso a mulheres com deficiências, migrantes e refugiadas, indígenas e afrodescendentes. Fazer uma análise rápida das necessidades e capacidades de resposta para detectar áreas que precisam de fortalecimento. Atualizar os protocolos de atuação e as rotas de referência. Difundir informação às mulheres que sofrem violência sobre as mudanças de horários ou modalidades para que saibam como acessar os serviços de emergência ou de apoio. Realizar acompanhamento proativo (via telefone, WhatsApp, SMS, correios) com as mulheres que tenham sido identificadas como em alto risco de violência por parte de seus parceiros para avisá-las que não estão sozinhas e informá-las sobre os serviços disponíveis. 	<p>No México foi declarado que os serviços de atendimento às mulheres vítimas de violência são serviços essenciais e continuam em funcionamento em todo o país.</p> <p>No Equador, instituições estatais geraram o “protocolo de comunicação e atendimento de casos de violência de gênero e intrafamiliar durante a emergência sanitária por Coronavírus”, medidas que estarão vigentes enquanto durarem as medidas de confinamento.</p> <p>Ferramentas úteis:</p> <p>Gestão de casos de violência baseada em gênero e a pandemia da COVID-19.</p> <p>Guia para serviços remotos e móveis de atendimento de casos de violência de gênero.</p> <p>Guia sobre a gestão de casos de violência de gênero diante da COVID-19</p>
<p>3. Fortalecer os mecanismos de alerta de emergência para facilitar as denúncias em casos de urgência.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Reforçar os serviços virtuais e os serviços de ajuda on-line (linhas telefônicas, mensagens de texto, webchats, aplicativos móveis, botões de pânico on-line) para manter a privacidade e a confidencialidade das usuárias e minimizar os riscos on-line com as boas práticas e diretrizes, como por exemplo: Comunicação com sobreviventes durante uma crise de saúde pública e Recomendações sobre a comunicação virtual (chat com sobreviventes ou mensagens de texto com sobreviventes) Estabelecer mecanismos alternativos de comunicação para facilitar as denúncias de violência para pessoas com acesso reduzido à internet, tais como alertas de emergência em farmácias, hospitais, centros de saúde e supermercados. 	<p>Na Colômbia, o governo expediu um decreto para garantir a prestação ininterrupta de serviços das Delegacias da Família, mas de forma virtual para reduzir riscos de contágios. Isso inclui orientação psicossocial, assessoria jurídica e audiências, notificações e despachos.</p>

Estratégias	Recomendações	Exemplos de práticas promissoras
<p>4. Fortalecer a identificação e o atendimento de casos de violência de gênero por parte do setor de saúde.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Capacitar os combatentes da linha de frente nos serviços de saúde e os operadores das linhas telefônicas de atendimento da COVID-19 para identificar e combater os casos de violência de gênero. 	<p>No Uruguai foi elaborado um protocolo específico para que as equipes de saúde que visitam as casas e estão nas emergências dos centros de saúde possam detectar possíveis situações de violência de gênero.</p> <p>Guia da Organização Mundial da Saúde sobre o papel do Setor de Saúde no combate à Violência contra Mulheres diante da COVID-19.</p>
<p>5. Garantir que todos os serviços policiais e judiciais priorizem o combate à violência contra mulheres e meninas durante e depois da crise causada pela COVID-19 e que continuem investigando, processando e punindo os agressores e facilitem o acesso à justiça por meio de mecanismos virtuais e alternativos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Reforçar as capacidades da polícia e de agentes de segurança para que proporcionem uma resposta rápida e eficaz. Estabelecer mecanismos virtuais e alternativos para facilitar o acesso à justiça. Ampliar automaticamente as medidas de proteção/medidas cautelares durante a pandemia. Priorizar a medida de exigir que o agressor saia de casa e evitar a liberação durante a pandemia de prisioneiros condenados por qualquer tipo de violência contra mulheres. 	<p>Na Argentina e no Uruguai estão sendo prorrogadas automaticamente por sessenta dias as medidas cautelares para mulheres que sofrem violência de gênero que encerraram nos últimos 40 dias ou que encerraram dentro do período da quarentena pelo coronavírus.</p> <p>Na Itália, a Procuradoria decidiu que, em casos de violência doméstica, o agressor é quem deve sair de casa, e não a vítima.</p>
<p>6. Priorizar e reforçar o financiamento de abrigos/albergues/casas de acolhimento para mulheres que enfrentam alto risco de violência.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Aumentar os recursos e financiamentos das organizações da sociedade civil que oferecem serviços de abrigo/albergues. Trabalhar em colaboração com as redes nacionais de abrigos para implementar opções alternativas para quando os abrigos encherem, como parcerias com o setor hoteleiro, universidades, centros desportivos ou escolas para criar abrigos/albergues temporários. 	<p>Em países como Argentina, França e Inglaterra foram feitas parcerias com os hotéis para que ofereçam espaços gratuitos a mulheres em situação de violência e suas filhas e filhos.</p>
<p>7. Garantir acesso a serviços sociais, terapia, serviços psicossociais e assessoria jurídica gratuita por meio de linhas telefônicas e canais virtuais gratuitos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Aumentar os fundos das organizações da sociedade civil que prestam serviços sociais. Garantir que haja diferentes modalidades de serviços de atendimento para facilitar o acesso às mulheres confinadas com seus agressores (linhas telefônicas, WhatsApp, serviços on-line). Implementar medidas, diretrizes e padrões para minimizar os riscos e manter a privacidade, confidencialidade e a ética profissional na transição para modalidades virtuais. 	<p>Na Argentina, o governo divulgou em seu website um guia dos serviços geolocalizados e coordenou ações com os governos provinciais, locais e com organizações da sociedade civil, comunitárias e territoriais, a fim de fortalecer os locais de proteção integral e gerenciar os recursos necessários segundo as demandas que surgirem no contexto da emergência.</p>
<p>8. Aumentar os investimentos nas organizações comunitárias de mulheres e da sociedade civil, bem como para as defensoras de direitos humanos para que possam desenvolver redes de apoio locais, comunitárias e territoriais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Estabelecer redes de mulheres em nível comunitário, capacitadas para ativar rotas institucionais de urgência e ter conhecimento das mulheres que sofrem violência em sua comunidade. 	<p>No Canadá, o governo incluiu 50 milhões de dólares para abrigos/albergues para mulheres em situação de violência de gênero como parte de seu combate à COVID-19, incluindo centros em comunidades indígenas.</p>

Estratégias	Recomendações	Exemplos de práticas promissoras
<p>9. Implementar campanhas de comunicação e de difusão ampla para mulheres e meninas que sofrem violência.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Elaborar guias e materiais para informar as mulheres e meninas sobre seus direitos, o que fazer em casos de urgência, como desenvolver planos de segurança, os serviços disponíveis e informação prática sobre o processo penal, caso decidam denunciar. Empregar estratégias e canais de divulgação inteligentes que chegam diretamente às mulheres sem alertar os agressores - por exemplo, através de SMS, WhatsApp, aplicativos ou espaços que devem ser usados apenas por mulheres. Desenvolver materiais de comunicação dirigidos às mulheres em sua diversidade com um enfoque especial nas mulheres marginalizadas e em situações de maior vulnerabilidade. Guia sobre como incluir pessoas marginalizadas e vulneráveis na comunicação de risco e na participação comunitária. 	<p>No México, o Instituto Nacional dos Povos Indígenas (INPI) divulgou informações relacionadas à COVID-19 nas línguas indígenas. Isso é um chamado à importância de abordar a pandemia pela perspectiva de gênero, direitos humanos e intersectorialidade.</p> <p>Na Costa Rica, o Instituto Nacional das Mulheres lançou a campanha #NoEstásSola, em colaboração com a ONU Mulheres e a UNFPA, para oferecer informações às mulheres sobre os diferentes serviços disponíveis durante a crise.</p> <p>Na Bolívia, a ONU Mulheres elaborou, em colaboração com o governo, um guia para mulheres em risco de violência que inclui informações sobre os serviços essenciais e assistência familiar, custódia de filhos, medidas de proteção, entre outros.</p>
<p>10. Elaborar campanhas, guias e recursos para familiares, amigas/amigos, vizinhos/vizinhas de mulheres em situação de violência e outras testemunhas para gerar uma cultura de tolerância zero.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Enfatizar que a violência contra mulheres e meninas é inaceitável, que é um problema que afeta a sociedade como um todo e que todas e todos temos a responsabilidade de preveni-la. Desenvolver campanhas, materiais de comunicação e palestras ou atividades virtuais para mobilizar as comunidades e assessorá-las sobre como identificar os sinais precoces da violência, o que fazer e o que não fazer para apoiar as mulheres em situação de violência e como intervir ou denunciar caso vejam ou escutem golpes, gritos ou outros sinais de violência ou abuso. 	<p>Na China, foram estabelecidas redes de “Vacinas contra a violência doméstica” porque “as portas podem bloquear a COVID-19, mas não podem bloquear outro vírus: o da violência doméstica”. Mais de 2500 voluntários se inscreveram desde 1 de março para ser “vacinas” e ficar atentos quanto aos casos de violência ou abusos por parte de seus vizinhos ou dentro de suas comunidades e intervir caso escutem algo.</p>
<p>11. Elaborar campanhas, mensagens de comunicação e intervenções dirigidas aos homens.</p>	<ul style="list-style-type: none"> Desenvolver mensagens de tolerância zero aos homens agressores para que não acreditem que possam agir com impunidade durante a crise. Divulgar mensagens e campanhas para mobilizar e envolver homens não violentos na prevenção da violência para interfirm e não fiquem calados caso conheçam homens que são agressores, e promover uma masculinidade positiva e igualitária. Guia da ONU Mulheres para promover os papéis de gênero positivos no mercado de trabalho e na publicidade 	<p>No México, a ONU Mulheres e o Instituto Nacional das Mulheres lançaram um kit informativo #HeForSheDesdeCasa com o objetivo de promover a masculinidade positiva e fomentar espaços colaborativos e de corresponsabilidade.</p> <p>Na Colômbia foi lançada a campanha #MujeresSegurasenCasa, com mensagens sobre a corresponsabilidade e a distribuição de tarefas no cuidado das casas.</p> <p>No Caribe implementou-se uma linha telefônica para trabalhar com homens agressores por meio do Programa Partnership for Peace.</p>

Estratégias	Recomendações	Exemplos de práticas promissoras
<p>12. Integrar a prevenção da violência contra mulheres nos lugares de trabalho e na educação virtual.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Elaborar políticas e protocolos de prevenção e atendimento a mulheres e meninas em situação de violência para garantir que a cultura e os procedimentos institucionais apoiem as vítimas de violência. • Oferecer informação a toda a equipe sobre a violência de gênero, os serviços disponíveis e os direitos das mulheres e meninas. • Manter contato com a equipe durante o período de home office para fomentar redes de apoio e garantir espaços de escuta para construir e estreitar vínculos que facilitam a identificação de casos de violência. 	<p>A ONU Mulheres México desenvolveu um guia sobre a COVID-19 e os centros de trabalho com sugestões concretas para o contexto de trabalho.</p> <p>Na Guatemala foram elaboradas recomendações em conjunto com o Pacto Global das Nações Unidas e o Centro para a Ação da Responsabilidade Social Empresarial na Guatemala (CENTRARSE) para contribuir para a prevenção e o atendimento a mulheres que sofrem violência nas empresas.</p>
<p>13. Elaborar estratégias de prevenção e combate à violência e ao assédio virtuais.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Fortalecer as leis e os regulamentos para prevenir, atender e punir a violência virtual. • Implementar mecanismos que facilitem os relatos e denúncias de casos. • Sensibilizar através de campanhas e mensagens on-line de tolerância zero. 	<p>O Ministério Público de Honduras investigará pessoas que promovam a violência contra mulheres através das redes sociais durante o período de isolamento social.</p>
<p>14. Coletar dados quantitativos e qualitativos sobre a violência contra mulheres e meninas durante a crise para orientar soluções, políticas, medidas de prevenção e atendimento durante e depois da crise.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Coletar dados sobre os diferentes tipos de violência de gênero, incluindo a violência virtual. • Realizar estudos com enfoque intersetorial para fortalecer o conhecimento das necessidades das mulheres em sua diversidade durante a crise, bem como levantar informações sobre as capacidades dos serviços para responder por meio de entrevistas com informantes-chaves. • Priorizar a segurança, a confidencialidade e o bem-estar das mulheres na geração de dados. • Documentar boas práticas e lições aprendidas para orientar respostas a futuras crises e servir de ferramenta para incidência e formação. 	<p>Guia da ONU Mulheres sobre a coleta de dados de violência contra mulheres durante a COVID-19.</p>
<p>15. Implementar medidas especiais que considerem as diferentes necessidades das mulheres em fase de recuperação, com atendimento especial às mulheres em situação de vulnerabilidade a múltiplas formas de discriminação.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Promover medidas específicas de empoderamento e recuperação econômica das mulheres que incluam prevenção da violência contra mulheres. • Elaborar pressupostos com perspectiva de gênero para garantir que haja investimentos adequados na prevenção e no atendimento a mulheres que sofrem violência durante a crise e na fase de recuperação. 	<p>Publicação que documenta práticas promissoras para integrar a perspectiva de gênero na preparação e na resposta e propõe ações para mitigar os impactos socioeconômicos para as mulheres e meninas na região da Ásia-Pacífico.</p>



Esforços da ONU Mulheres na América Latina e no Caribe para a eliminação da violência contra mulheres e meninas durante o combate à COVID-19 e na recuperação:

Geração de análises e evidências sobre o impacto da COVID-19 na violência contra mulheres e meninas, as necessidades daquelas que sofrem violência e as capacidades de resposta dos serviços essenciais diante do aumento da demanda para orientar a resposta atual e futura.

Ativismo e repercussão para garantir que a prevenção da violência contra mulheres e meninas diante da COVID-19 seja incluída na agenda pública e conte com uma coordenação multissetorial para implementação de medidas de prevenção, proteção, atendimento e acesso à justiça durante e depois da pandemia.

Assistência técnica para os agentes públicos e privados em parceria com a sociedade civil e com agentes da cooperação internacional para desenvolver estratégias e soluções a fim de prevenir e responder à violência contra mulheres e meninas, mitigar riscos e facilitar o acesso a serviços essenciais, além de mobilizar mulheres e comunidades para desenvolver respostas de tolerância zero para com os agressores.

Incorporação do enfoque de intersectorialidade no planejamento e na implementação da resposta para atender às necessidades das mulheres em sua diversidade.

Coordenação de esforços entre diferentes agentes e geração de alianças estratégicas entre os diversos setores, incluindo governo, agências da ONU e organismos internacionais, sociedade civil, meios de comunicação e o setor privado para fortalecer a prevenção e o combate à COVID-19.

Mobilização de redes e relações com organizações de mulheres para promover a voz, a participação, a tomada de decisões e o papel das defensoras de direitos humanos, das organizações comunitárias feministas da sociedade civil e de mulheres em todos os aspectos do combate à COVID-19, de identificação/diagnóstico, planejamento, implementação e de recuperação, monitoramento e avaliação.

Conhecimentos técnicos e propostas inovadoras para promover a prevenção da violência contra mulheres e meninas durante e depois da pandemia para gerar condições para recuperação e resiliência perante crises futuras.

Foto: ONU Mujeres/Dzilam Méndez

